



RESENHA

**FIGUEIRA, E; SANCHEZ W.L:** *Uma Igreja de portas abertas. Nos caminhos do Papa Francisco.* São Paulo: Paulinas, 2016. ISBN 978-85-365-4190-5, 190 p.

*Enio José da Costa Brito\**

Recentemente, lançado pela Editora Paulinas, *Uma Igreja de portas abertas. Nos caminhos do Papa Francisco*, resultou da convergência de dois fatos: três anos do pontificado do Papa Francisco e um ano de caminhada do *Observatório Eclesial Brasil*.

Membros ativos e colaboradores do Observatório - que se propõe a acompanhar as decisões, os discursos e as reformas do Papa Francisco e sua recepção na Igreja e na Sociedade -, escreveram o texto.

Dez artigos compõem as três partes, intituladas *Os desafios de uma reforma da Igreja; Caminhos e realizações e As utopias, as defasagens e os silêncios*. Elas refletem os temas que o Observatório considera serem importantes para se compreender a atual conjuntura eclesial mundial. O livro é um convite para todos aqueles que acompanham, com esperança esta nova primavera eclesial e sonham com uma Igreja solidária.

O *Prefácio* de Dom Angélico, a *Apresentação* de Sergio Torres González, a *Introdução* de Eulálio A.P. Figueira e Wagner Lopes Sanchez e o *Posfácio* de Walter Altman formam uma moldura precisa e rica para o livro, que deita raízes no presente com os olhos no futuro.

No *Prefácio*, Dom Angélico relembra que o Papa Francisco inaugura um tempo de reforma, esperança e misericórdia para a igreja institucional e para o povo de Deus.

Este é um tempo que somos convidados, unidos ao Papa Francisco, para lançar “as redes em águas mais profundas”, caminhando, confiantes, de esperança em esperança, na esperança sempre! (DOM ANGÉLICO apud FIGUEIRA; SANCHEZ,2016, p.10).

---

\* Professor Titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião. Coordenador no Grupo de Pesquisa: Veredas: Imaginário Religioso Brasileiro. Vice coordenador do Cecafró E-mail: [brbrito@uol.com.br](mailto:brbrito@uol.com.br)

## Temas da agenda do atual pontificado

Fernando Altemeyer Junior, em *A recepção do Projeto do Papa Francisco* (p.23-38), contextualiza e apresenta as realizações do atual Pontífice, tanto no âmbito eclesial como na sociedade. “O Papa Francisco faz o que fala e fala o que crê” (p.25)<sup>1</sup>. Ele crê, que a Igreja precisa urgentemente ser reformada. Reforma, que para o autor, “passa por uma ação de leigos e de leigas como protagonistas eclesiais. Este será um câmbio estrutural de sujeitos históricos e eclesiais que precisará vencer o atual modelo clericalizado e centralizador” (p.36).

O texto de Dom Celso intitula-se *Francisco e a Colegialidade* (p.39-50), tem como eixo articulador a vivência concreta da colegialidade Episcopal por parte das Igrejas. A autor, conhecedor profundo dos meandros institucionais da Igreja, ao constelar fatos ocorridos no âmbito do relacionamento das Igrejas locais com o poder central, confere ao texto um tom profético de denúncia e anúncio.

Tratando-se da colegialidade, sem dúvida houve avanços, mas há, ainda, muito mesmo que se caminhar para torná-la uma realidade vivida, com naturalidade no espaço eclesial.

Wagner Lopes Sanchez, em *Francisco e o desafio da cultura eclesial dominante* (p.51-66), expõe e comenta os temas principais da agenda do atual Bispo de Roma. Consciente que assumiu a Igreja, em plena crise, gestada lentamente ao longo dos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, que tem no abandono das reformas propostas pelo Vaticano II, uma de suas causas, o Papa Francisco recoloca na agenda eclesial o tema do aggrionamento - *Ecclesia semper renovanda* -, tão caro a João XXIII.

Reforma, que exigirá um descolar-se da cultura de cristandade para uma nova cultura eclesial. O resgate das grandes diretrizes do Concílio Vaticano II, a começar pela ruptura com um modelo de Igreja da Cristandade, pelo atual Pontífice, é um sinal inequívoco que um novo modelo de Igreja, está em construção. Nas palavras do Papa, “desejo uma Igreja para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar” (EG198).

Só uma Igreja em saída, missionária tem coragem de reformar suas estruturas, viver a sinodalidade, a colegialidade e a misericórdia. “Uma Igreja da misericórdia é aquela que coloca a pessoa humana como valor que se sobrepõe à instituição” (p.65).

## Gestos reveladores da pedagogia do Evangelho

“Analisar os gestos do Papa Francisco como uma ação na qual se esconde e se dá a conhecer o Mistério da Misericórdia de Deus” (p.71) é o objetivo de Alex Villas Boas, em *A densidade teológica dos gestos de Francisco* (pp.69-87).

---

<sup>1</sup> Passo a indicar nas notas apenas a página do texto

“O discernimento é uma das palavras-chave no papado de Francisco (EG 50), tal qual fora a beleza do querigma em João Paulo II e a busca da verdade em Bento XVI ((p.72). “O discernimento ilumina caminhos que a consciência conseguiu vislumbrar, com o auxílio da graça, ou seja, “contemplar para alcançar a realização do amor” (p.72).

O autor colhe gestos do dia-a-dia e das doze viagens de Francisco pelo mundo, para compor o perfil do diálogo como cultura do encontro, contribuição para a paz e instrumento de evangelização. “O diálogo, em Francisco, é uma categoria fundamental e só é possível pela cultura de encontro, pois o diálogo se dá entre pessoas vivas, um elemento essencial para o discernimento da caridade” (p.82).

Aproximar do sentido ético-teológico descortinado pela encíclica *Laudato Si'* é o que propõe o texto, *A doutrina social da Igreja interpretada por Francisco. A Encíclica Laudato Si'* (pp.89-104) de Donizete José Xavier.

Nele, busca-se explicitar a força semântica da intuição de Francisco ao apresentar a questão do cuidado com o “planeta nossa casa comum”. Cuidado que estabelece um vínculo indissolúvel entre ecologia humana e ecologia social. Daí a referência a “uma única e complexa crise socioambiental” (LS139).

A Encíclica olha o termo ecologia “na relação entre a fé judaico-cristã na Criação e a ética ecológica” (p.98). “A ecologia é um grande grito pela vida, pela paz e pela integração de tudo e de todos” (p.99). Grito, em especial, pela vida dos pobres, grito acolhido pelo Igreja latino-americana, que inspirada no Evangelho das bem-aventuranças e na pobreza de Jesus, fez uma opção pelos pobres em Medellín (1968), opção confirmada por Puebla (1979) e Aparecida (2007).

O método ver, julgar e agir se faz presente na análise dos problemas de nossa casa comum: no diagnóstico minucioso dos males do planeta, na necessidade de uma justa hermenêutica dos textos da criação e no convite ao processo autêntico de *metanoia*.

“Um olhar misericordioso sobre a Criação poderia resumir a intuição de Francisco ao escrever sua encíclica social *Laudato Si'*” (p.103).

Tendo “o Papa Francisco [marcado] um encontro com todos os cristãos e os não cristãos, com a misericórdia divina” (p. 105), Antônio Sagrado Bogaz e João H. Hansen nos convidam a repensar nossas concepções de misericórdia e a buscar seu sentido profundo, em *Misericórdia, o outro nome da Igreja* (pp.105-121).

A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, suavizando o sofrimento de pessoas, comunidade e povos. “Se Deus é misericórdia devemos ser servos seus, transformando em atitudes esta vocação da Igreja” (p.116).

Há uma relação intrínseca entre misericórdia e justiça, não basta a justiça, a misericórdia nos dá a possibilidade de transpor os limites da justiça. “Se Paulo VI afirmou que a paz é o novo nome da justiça (PP 5), no Papa Francisco encontramos

que a misericórdia é o outro nome da justiça e que, em síntese, elas se complementam e interdependem” (p.120).

Vera Ivanise Bombonato, em *Sinais Proféticos que indicam o caminho* (pp.123-134), quer realçar alguns sinais proféticos presentes no ministério de Francisco. O projeto de mudanças proposto por ele para a Igreja, após longo discernimento, é aberto e dinâmico, profético e sapiencial, que não se limita a ideias e conceitos, mas tem presente pessoas, tempos e lugares. “O Papa Francisco não é apenas um administrador, é um guia de processos” (p.125).

Na *Evangelium Gaudium* afirma: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionando mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG 27).

Preocupação que engloba os seguintes desafios: reformar as estruturas eclesiais; resgatar e vivenciar a dimensão comunitária e missionária da vida cristã; realizar a conversão pastoral e ecológica e romper com a autorreferencialidade eclesial.

Papa Francisco reabriu o diálogo com os teólogos (as) e quer um fazer teológico de fronteira, “ensinar e estudar teologia significa viver numa fronteira na qual o Evangelho se encontra com as necessidades das pessoas” (p.130).

Para a autora, “a Igreja em saída para o anúncio de Jesus Cristo, misericórdia do Pai, para o serviço à humanidade e em diálogo com a sociedade tece o paradigma do seu pontificado” (p.134).

### **Reforma Institucional: uma necessidade permanente**

*As reformas da Igreja entre a instituição e o carisma* (pp.137-154) é o título da significativa contribuição de João Décio Passos para se compreender as esperanças e os desafios, que envolvem os processos de reforma da Igreja propostos pelo Papa Francisco. Texto de perfil weberiano, articulado em torno das categorias carisma e instituição, fundamentais para se compreender as dinâmicas de renovação e conservação do poder.

O autor situa as reformas proposta pelo Papa Francisco no interior da dinâmica cristã. “Um *carisma vivo* (o Ressuscitado presente na comunidade com seu dom salvífico) que é administrado pela *Ecclesia* (por meio de discursos, gestos e normas estabelecidas como tradição) e que vai sendo transmitido no decorrer do tempo (e construindo a tradição da fé)” (p.138).

A permanente tensão entre carisma e instituição levou a Igreja nascente a institucionalizar-se, preservando, contudo, duas tendências: a de rever a instituição a partir de seu carisma original e a de legitimar suas configurações e ações (Cf.142). Assim, “os conservadores usam da crisma para justificar a preservação da tradição e das

estruturas institucionais. Os reformadores buscam no carisma elementos para renovar a instituição” (p.143).

A última interpretação da grande tradição realizada pelo magistério extraordinário foi o Vaticano II. O Concílio realizou a ingente tarefa de traduzir as renovações eclesiológicas em novas práticas eclesiais, tanto no nível laical, presbiteral como episcopal. No entanto, não chegou a renovar a organização do governo eclesial (nível estrutural). Assim, “o carisma da renovação conciliar (a Igreja comunhão de batizados e de todo o Povo de Deus presente na história) não foi traduzido institucionalmente” (p.146). A Igreja pré-conciliar no pós-concílio ao recuperar a hegemonia eclesial, gestou uma crise institucional sem precedentes, que culminou na renúncia do Papa Bento XVI. Para o novo Papa, a renovação é uma “necessidade que brota da própria razão de ser da Igreja” (p.147). Na *Evangelii Gaudium* convoca todos a participar, pois as mudanças estruturais são necessárias para que a reforma se concretize.

“As reformas estruturais anunciadas por Francisco permanecem até o momento como promessa viável e como expectativas para católicos e não católicos” (p.150). Reformas estruturais ao serem implantadas geram conflitos com as forças conservadoras. “No jogo dialético entre carisma e instituição não haverá síntese final, mas a busca permanente da expressão história mais coerente para o carisma cristão” (p.153).

Maria Cecilia Domezi, em *Na igual dignidade batismal: laicato, serviços e ministérios, relação de gênero no interior da Igreja* (pp.155-170), quer responder a seguinte questão: “[há] possibilidades de avanço da Igreja na vivência da igual dignidade batismal que estão sinalizadas nas iniciativas, gestos e exortações do Papa Francisco?” (p.156).

A autora relembra que a dimensão laical do movimento jesuânico e o igualitarismo da Igreja se encontravam na contramão do judaísmo e do mundo greco-romano. As comunidades eram lideradas tanto por homens como por mulheres. “A ministerialidade era rica, criativa e plural” (p.158); mulheres com frequência eram saudadas por Paulo em suas cartas, como: Prisca, Febe, Trifena, Trifosa, Júnia, Pérside, Maria, Júlia e Júnia.

Por influência do patriarcalismo, do processo de sacerdotalização dos ministérios e o afastamento das fontes do cristianismo rompeu-se esta dinâmica e os serviços e o poder tornaram-se monopólio do clero.

O Concílio abriu “caminho para a vivência da justiça e da fraternidade nas relações de gênero no interior da Igreja, a partir da refontização dos ministérios eclesiais que se embasa na comum iniciação cristã” (p.164). O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, atualizou a eclesiologia do Vaticano II, propondo uma “Igreja em saída”, uma visão da Igreja materna e paterna.

Por palavras e gestos tem proposto a “inclusão de mulheres em instâncias de exercício de poder na Igreja (EG104) (p.169). Suas nomeações de mulheres para

importantes órgãos eclesiais materializam este desejo. “O grande princípio teológico para uma verdadeira ‘cidadania eclesial’ vivida por todos os membros da Igreja é a igual dignidade batismal” (p.170).

Em, *A Ética da vida misericordiosa, inclusiva, anti-idolátrica e ecolibertadora* (pp.171-181) Luiz Augusto de Mattos, reflete sobre a indissociável relação entre degradação ambiental e degradação humana e social. “Tanto a experiência comum da vida cotidiana como a investigação científica demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres “ (LS 48).

Como pensar a ética neste contexto? O compromisso ético volta-se para cuidar da vida e da “*casa comum*”, procurando despertar a responsabilidade, sensibilidade humana e social. “Para a ética da vida, o caminho é assumir uma responsabilidade pelo futuro da vida digna, justa e feliz na Terra” (p.173). Para o cristão, o desafio que se coloca é o de entender a *ética de Jesus*, como uma ética da vida, sempre orientada para o bem da vida (ética do *amor*).

O autor enumera alguns desafios para uma ética da vida: a defesa e a promoção de um “*etos não excludente*”, anti-idolátrico, tendo como tarefa enfrentar os ídolos - desmascarando-os -, cultivar a utopia de um mundo mais justo e ser serviço de sentido.

O compromisso ético denuncia o ecocídio e o genocídio e anuncia um outro mundo mais humanizado. “Se a ética se funda na manifestação da Transcendência na imanência, torna-se fundamental compreender que a experiência do Deus cristão deverá ser conhecida na ‘ressurreição’ dos corpos e das vidas descuidadas (Cf.Ez 37) e na diaconia samaritana que se faz testemunho pela misericórdia e justiça para com todos” (p.181)

## Pontuações

*Uma Igreja de portas abertas*, não só aponta as veredas para a realização da tão desejada e necessária reforma da Igreja, como enumera os desafios e obstáculos a serem superados, com precisão cirúrgica.

Os autores a conta gota se encarregam de lembrar os pressupostos básicos para que as reformas estruturais anunciadas por Francisco aconteçam de fato. Reformas que passam pela inclusão real dos leigos e leigas na Igreja, com base na dignidade batismal, isto implica na recuperação da noção Povo de Deus, acolhida pelo Vaticano II e pelas Igrejas do Terceiro mundo.

Entre outros pressupostos pode-se apontar: o abandono do modelo clericalizado, centralizador, ainda tão presente na Igreja; a vivência concreta da colegialidade Episcopal; a necessidade de se passar de uma cultura de cristandade para uma cultura do encontro, na qual as pessoas têm mais importância que as instituições e a renovação

da vivência missionária, que coloca todo o Povo de Deus em saída para anunciar a misericórdia de Deus.

Pressupostos que precisam ser traduzidos institucionalmente, como nos relembra João Décio no seu artigo. Caso contrário, as possibilidades de avanço sinalizados nas inúmeras iniciativas do Papa Francisco, não se concretização, não levarão a Igreja a assumir a ética de Jesus, ética da vida sempre orientada para o bem das pessoas e da nossa casa comum.

O processo de reforma da Igreja proposto por Francisco tem profundas raízes evangélicas, discernidas na oração e no contato diuturno com os pobres, “ que têm muito para nos ensinar” (EG 198).

Recebido: 06/08/2016

Aprovado: 28/09/2016